

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Gabrielle Gazapina Guimarães

**TransENEM POA: etnografia sobre um curso pré-vestibular de educação popular voltado à pessoas transexuais, mulheres travestis e LGB inclusivo**

Porto Alegre

2018

Gabrielle Gazapina Guimarães

**TransENEM POA: etnografia sobre um curso pré-vestibular de educação popular voltado à pessoas transexuais, mulheres travestis e LGB inclusivo**

Trabalho de Conclusão de Curso entregue à Comissão de Graduação em Ciências Sociais como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Rosimeri Aquino da Silva

Porto Alegre

2018

### CIP - Catalogação na Publicação

Guimarães, Gabrielle Gazapina

TransENEM POA: etnografia sobre um curso pré-vestibular de educação popular voltado à pessoas transexuais, mulheres travestis e LGB inclusivo / Gabrielle Gazapina Guimarães. -- 2018.

52 f.

Orientadora: Rosimeri Aquino da Silva.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Gênero e Sexualidade. 2. Educação Popular. 3. TransENEM POA. I. Silva, Rosimeri Aquino da, orient. II. Título.

À Gabriele Marchiori, aluna inscrita no TransENEM e que não pode ter a chance de frequentá-lo. Por ela, e por diversas outras existências terem o direito à existir, seguimos.

## AGRADECIMENTOS

Por ser taurina, terra que nutre afeto e o fixa dentro de si, agradeço:

Aos familiares, principalmente minha mãe e minhas avós, mulheres que, ao longo da vida, me mostraram e mostram o significado da palavra força muito melhor do que qualquer dicionário o faria. Significado este, inclusive, extremamente importante de ser entendido quando traçamos uma trajetória acadêmica;

Aos amigos e amigas, que sempre estiveram junto de mim quando a força descrita acima se abalava - e em tantos, tantos outros bons momentos. Incluso o que vivo agora;

À Rosimeri Aquino, por acreditar em meus esboços iniciais e orientá-los, compartilhando todos os seus saberes e experiências;

E, por fim, ao TransENEM. Agradeço imensamente pela acolhida, a qual em um primeiro momento possibilitou a realização deste trabalho, e hoje proporciona em mim a satisfação de ser parte integrante do coletivo. Como professora e como pessoa, eu aprendo muito mais do que ensino. São aulas, a cada dia, sobre resistência, sobre coragem e sobre luta. Este espaço é um ato político.

*“das tuas linhas,  
corpo em traços,  
que traçam de si,  
transformação.*

*corpo,  
que transfigura  
por fora  
o que por dentro  
revela  
da alma.*

*poesia,  
que dos versos  
alinham  
de mil potências  
teu corpo ato.*

*corpo poesia  
que dos pelos  
revelam  
no belo,  
teu sôfrego  
ensejo  
em ser aquilo  
que se é.*

*ao resistir  
é corpo que  
por dentro grita.*

*nega o murmúrio  
da notícia,  
e escancara  
na negação  
do espanto,  
seu ser.”*

*(BRUNO HATS, 2016)*

## RESUMO

O presente trabalho está inserido na área dos estudos sobre Educação e Relações de Gênero e Sexualidade e versa sobre uma etnografia realizada no espaço do TransENEM, um curso pré-vestibular de ensino popular localizado em Porto Alegre e voltado para pessoas transexuais, mulheres travestis e LGB inclusivo. Meu intuito neste ambiente foi o de analisar em que medida a experiência compartilhada nele é diferente da vivida em instituições tradicionais de ensino, as quais muitas vezes são hostis à pessoas que carregam uma identidade de gênero ou orientação sexual divergente daquela estabelecida pela sociedade heteronormativa. Além disso, tive por objetivos específicos apurar como dá-se a atividade desenvolvida pelo curso, ou seja, quais as metodologias e didáticas utilizadas, quais as relações estabelecidas com o conhecimento e, por último, se o corpo discente participa da construção deste mesmo conhecimento. A pesquisa, portanto, é fruto de uma intensa convivência com professores(as), alunos(as) e organização do coletivo, em momentos que foram de observações participantes em aulas, assembléias, seminários e eventos, até a realização de entrevistas individuais dispostas por falas trazidas na dissertação. Os dados obtidos e aqui retratados apontam para um grande trabalho de acolhimento, inclusão e empoderamento possibilitado pelo TransENEM.

**Palavras-chave:** Gênero e Sexualidade, Educação Popular, TransENEM POA.

## ABSTRACT

The current study belongs in the area of research regarding Education and Gender and Sexuality Relations, and it is about an ethnography performed in the space of TransENEM, an accessible pre-university teaching course located in Porto Alegre that is directed to transgender people, women transvestites and LGB inclusive. My intent in this environment was to analyze in what extent the experience shared in it is different than the experience lived in traditional educational institutions, which oftentimes are hostile to people that carry gender identities or sexual orientation divergent than the one established by the heteronormative society. Besides that, I had as specific purpose to investigate how is the activity developed by the course, in other words, what methodologies and didactics are used, what are the relations established with the knowledge and, at last, if the student body participates on the construction of this same knowledge. The research, therefore, is a fruit of an intense coexistence with professors, students and the collective organization, in moments that were of observations present in assemblies, seminars and events, until the accomplishment of individual interviews that are arranged in speeches brought in the dissertation. The data acquired and hereby portrayed point out to a grand work of acceptance, inclusion and empowerment made possible by TransENEM.

**Key words:** Gender and Sexuality, Popular Education, TransENEM POA.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
1.1. Por uma educação emancipadora, plural e inclusiva	8
1.2. Motivos e motivações	9
<b>2. ESCOLA <del>DE ALGUNS</del> NOSSA DE CADA DIA</b>	<b>12</b>
<b>3. QUANDO MEU ES(TUDO) COMEÇOU</b>	<b>14</b>
3.1. Metodologizando	15
<b>4. CENAS E CENÁRIOS</b>	<b>17</b>
4.1. Andanças	17
4.2. “Estudar não é só ir para aula”	23
4.3. LGB inclusivo	27
4.4. O convite	28
<b>5. NARRATIVAS QUE IMPORTAM</b>	<b>30</b>
5.1. Remando contra a maré	30
5.2. “Eu sou terrível”	33
5.3. Para ter voz e vez	35
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>44</b>
<b>APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO PARA ENTREVISTA</b>	<b>47</b>
<b>APÊNDICE 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ALUNOS(AS)</b>	<b>49</b>
<b>APÊNDICE 3 - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSORES(AS)</b>	<b>50</b>
<b>APÊNDICE 4 - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ORGANIZAÇÃO</b>	<b>51</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O tema de pesquisa sob o qual escolhi debruçar-me está posto na área de Educação e Relações de Gênero e Sexualidade, mais precisamente, trata sobre a escolarização e o acesso à universidade de pessoas LGBTQTT<sup>1</sup>. Sendo realizado em um curso pré-vestibular de educação popular chamado TransENEM, o estudo possui foco em etnografia como metodologia e tem por objetivo procurar responder de que modo as vivências promovidas por este ambiente não formal de ensino diferem-se das acometidas em escolas institucionalizadas, as quais por várias vezes provocam evasão<sup>2</sup> diante da hostilidade e preconceito dirigidos à quem desvia da norma heteronormativa impregnada na sociedade.

Nesta introdução, trago dois pontos primordiais para dar início a discussão da monografia. Em primeiro lugar, faço uma breve apresentação do universo que me propus analisar. Após esse momento, teço a argumentação do porquê de minha escolha de pesquisa, ou seja, qual a minha justificativa.

A organização dos demais capítulos é estruturada conforme a ordem que os fatos foram chegando e acontecendo para e em mim. Portanto, os eventos descritos estão dispostos cronologicamente de acordo com as observações participantes de experiências que tive durante meu estudo, mergulhando e afundando nesse “mar” de tanta densidade e diversidade chamado TransENEM. Além disso, por meio de entrevistas individuais realizadas, articulo minha produção também com as vozes e corpos que vivem a cada dia esse espaço.

### 1.1. Por uma educação emancipadora, plural e inclusiva

O título desta seção carrega uma ideia que funciona como lema para o TransENEM. Com seu logotipo pintado por azul, branco e rosa, bem como na bandeira transativista, o curso nasce em meados de 2015 para dar um pouco de cor à cidade de Porto Alegre.

---

<sup>1</sup> Sigla que se refere à gays, lésbicas, bissexuais, *queers*, travestis e transexuais

<sup>2</sup> Ver gráfico do site Projeto Trans, de Minas Gerais:

<[http://www.nuhufmg.com.br/gde\\_ufmg/index.php/resultados/escolaridade/graf9](http://www.nuhufmg.com.br/gde_ufmg/index.php/resultados/escolaridade/graf9)>

Inspirado por outros cursos populares de preparação para o ENEM no Brasil, que são voltados para pessoas trans\*<sup>3</sup>, como EducaTrans (Sergipe), TransEnem (Belo Horizonte), Transcidadania (São Paulo) e PreparaNEM (Rio de Janeiro), a ideia de formar um coletivo surgiu a partir de uma chamada pública feita por Nanni Rios<sup>4</sup> na internet. Um grande número de voluntários(as) manifestaram-se e, marcada uma reunião presencial, o projeto saiu do papel - ou melhor, da tela do computador. Foi do encontro de diferentes rostos e identidades com diferentes histórias e idades, que um desejo em comum se consolidou: o de criar um ambiente horizontal, autônomo e popular de ensino destinado, inicialmente, à mulheres travestis e pessoas transexuais binárias e não binárias.

Depois de toda essa articulação, as aulas começaram propriamente em abril de 2016. Localizado na Casa dos Conselhos, em uma sala de reuniões, os encontros aconteciam três tardes por semana. Apesar da falta de uma sala adequada e do número ainda relativamente pequeno de aulas, o curso foi muito bem acolhido desde seu início, podendo germinar dia após dia no centro da cidade. Hoje, já no ano de 2017, o TransENEM está inserido no Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), em uma parceria que o levou a ter a configuração de projeto de extensão. Tudo o que eu pude viver, sentir, aprender e guardar em mim realizando esta pesquisa, descrevo ao desenrolar dos demais tópicos de meu trabalho.

## **1.2. Motivos e motivações**

Durante os cinco anos de formação em Licenciatura, no curso de Ciências Sociais, trilhei um caminho de aproximação bastante voltado à área de Antropologia. Neste campo, pude estabelecer uma “forma de olhar a sociedade” e conectá-la a temáticas de meu interesse. Dentre muitas curiosidades e assuntos, o que mais despertou minha atenção, ao longo desse fazer discente, foram os estudos de gênero. Foi dentro dessa temática e associando-a à educação que este trabalho de conclusão pode tomar forma.

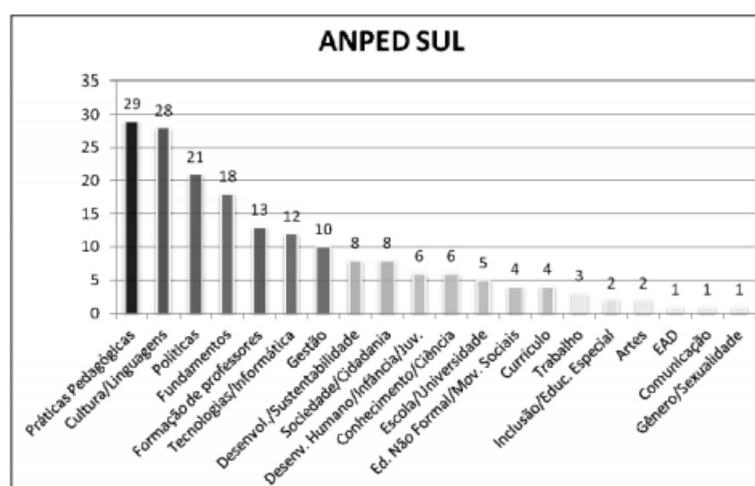
---

<sup>3</sup> Termo “guarda-chuva” utilizado por autores(as) com Butler (2003), Filho (2012) e Louro (1997) para referir-se a todas as pessoas que, de alguma forma, transformam-se e transitam entre os gêneros. Assim, pessoas trans\* seriam transexuais, transgêneros, travestis, *crossdressers* e performistas.

<sup>4</sup> Produtora Cultural e Editora da L&PM.

Acredito que em um contexto de âmbito acadêmico e, consecutivamente, político-econômico-social (pois a estrutura educacional é um reflexo de nossas relações em sociedade), esses estudos são, por vezes, ainda colocados na lógica de “suplemento” (SCOTT, 1995), mesmo que estejam sendo ampliados a cada dia, ganhando maior lugar ao sol. Dados demonstram que o núcleo está entre os menores em adesão nas linhas de pesquisa de pós-graduação da região sul (Gráfico 1). Daí a importância de continuar produzindo em torno deste tema.

**Gráfico 1:** Identificação das temáticas nas linhas de pesquisa no programa de pós-graduação da Região Sul.



Fonte: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED)

Além desse ponto, escolhi também pesquisar sobre o assunto pois durante o ano de 2016, debatia-se em diversas Câmaras de Vereadores do país algo que foi denominado por “ideologia de gênero” em um projeto de lei chamado Escola Sem Partido - lê-se escola com mordaza. Barrado do Plano Nacional de Educação (PNE) pela Câmara dos Deputados, o trecho que trata sobre o ensino de gênero estaria, daquele momento em diante, nas mãos dos municípios. Se aprovado, professores e professoras não mais poderiam trazer estas discussões para dentro das salas de aula. Ora, algo já tão defasado estava em ameaças de ser extinto.

Ao passo que discutia-se isso, eu realizava meu estágio obrigatório em duas escolas estaduais de ensino médio. Na disciplina de Sociologia, os professores titulares haviam deixado um conteúdo obrigatório a ser tratado: os autores clássicos da área. Trabalhei alegremente o que me foi designado, mas combinei com ambas as escolas que ministraria uma aula de debate a partir de algum tema do interesse

dos alunos(as) que fosse escolhido por votação. O tema mais votado, então: gênero. Foi um dos dias mais proveitosos e em que os(as) estudantes mais participaram da dinâmica. Estava visível o interesse em falar sobre aquele assunto que, querendo ou não, vinha sendo varrido das escolas, deslegitimado. Na mesma época, a idealização do TransENEM ganhava forma. Assim que soube da notícia, pensei o quanto necessário a criação deste curso seria para a realidade política que enfrentávamos. O não-momento é o momento. Enquanto tentavam nos podar, como professores e professoras nas escolas, o coletivo florescia. E foi assim, a partir da intersecção entre minha prática de estágio, com a minha determinação e persistência em falar sobre gênero e sexualidade em sala de aula (tema do qual pude nutrir muito interesse durante toda graduação), e com a vontade de somar e dar visibilidade ao TransENEM, que a ideia desta monografia surgiu.

Neste 2017, só confirmo a necessidade da escrita. Após um ano do golpe que depôs uma mulher do cargo de presidência no Brasil<sup>5</sup>, recentemente, a participação de Judith Butler<sup>6</sup> no seminário Os Fins da Democracia do Sesc Pompéia, em São Paulo, rendeu um abaixo-assinado com milhares de assinaturas de pessoas contrárias à sua vinda, pedindo o cancelamento da palestra. O discurso felizmente ocorreu como vinha sido previsto. No entanto, manifestantes reuniram-se em frente ao local e, munidos de cruces, terços e bandeiras do país, queimaram uma boneca vestida de bruxa que representava a filósofa.<sup>7</sup> Este ato tão simbólico e aterrorizante e a resposta de Butler a ele<sup>8</sup>, encheu-me de forças para resistir e produzir o trabalho do qual proponho aqui.

Portanto, não é à toa que Judith Butler faz parte de meu arcabouço teórico. Sendo bastante amparada pelas produções pós-estruturalistas e pelos estudos feministas, culturais, queer e de gênero, outros(as) autores(as) correspondentes às referidas perspectivas também estarão presentes junto de minhas argumentações. Fica o convite para leitura!

---

<sup>5</sup> Dilma foi deposta do cargo de presidência em 31 de agosto de 2016.

<sup>6</sup> Filósofa de referência nos estudos de gênero e teoria queer. É codiretora do programa de teoria crítica da Universidade da Califórnia, em Berkeley.

<sup>7</sup> Ver matéria completa no site El País:

<[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/07/politica/1510085652\\_717856.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/07/politica/1510085652_717856.html)>

<sup>8</sup> Ver o texto de resposta no site da Folha:

<<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml>>

## 2. ESCOLA DE ALGUNS NOSSA DE CADA DIA

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas. Concebida inicialmente para acolher alguns — mas não todos — ela foi, lentamente, sendo requisitada por aqueles/as aos/às quais havia sido negada. Os novos grupos foram trazendo transformações à instituição. Ela precisou ser diversa: organização, currículos, prédios, docentes, regulamentos, avaliações iriam, explícita ou implicitamente, "garantir" — e também produzir — as diferenças entre os sujeitos. É necessário que nos perguntemos, então, como se produziram e se produzem tais diferenças e que efeitos elas têm sobre os sujeitos. (LOURO, 2010, p. 57)

Seguidamente, ao passar em frente às escolas, deparo-me com cartazes com os dizeres “Estamos de portas abertas para receber vocês”, “Bem vindos(as)”. Mas será que esses ambientes são receptivos com todos(as) estudantes?

O sistema educacional é voltado para a interdição do corpo e das diferenças (BOHM, 2009), refletindo um longo processo histórico de construção de uma dita “normalidade” - e, por sua vez, de uma dita “anormalidade” também. Ao depararmos com os estudos de Michel Foucault (1977), essas colocações ficam mais claras, demonstrando o que pretendo aqui abordar. O filósofo analisa que, a partir do século XIX, a sociedade ocidental passou a ser organizada por meio de um modelo de regime disciplinar, que vigia e controla o indivíduo através de instituições. Assim, Foucault (1987) demonstra a questão de como o sexo, construído historicamente, também sofreu este processo de regulação, sendo incitado a ser colocado em discurso (seja nas Igrejas por meio de confissões, ou nos consultórios psicanalíticos por meio de consultas) a partir de algo denominado pelo autor de dispositivo da sexualidade, que tem como objetivo docilizar, enquadrar e demarcar o corpo dentro de normas e padrões heterossexuais dados como naturais.

Pensando na Escola como uma das instituições referidas, se algo de seu cotidiano for considerado desviante dessas condutas ideais estipuladas, deve ser corrigido e enquadrado ou excluído e marginalizado. Para assegurar a hegemonia

heteronormativa, são produzidos seres abjetos: “o abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas inóspitas e inabaláveis da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito” (BUTLER, 2003, p.155). Como um dos instrumentos de controle da sociedade, o ambiente escolar produz intolerância ao negar diversidades sexuais e identitárias, tornando-se também, como coloca Louro (2010), fabricante de diferenças.

Documentos nacionais de referência para educação, como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB)<sup>9</sup> e Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's)<sup>10</sup>, apesar de muito importantes, ou invisibilizam a temática gênero ou a trazem como transversal e, ainda, privilegiam apenas o debate de orientações sexuais, não tratando das identidades de gênero. Por concomitância, não oferecem subsídios para os currículos escolares, de fato, abordarem as questões.

O poder é aquilo que divide o currículo — que diz o que é conhecimento e o que não é — e aquilo que essa divisão divide — que estabelece desigualdades entre indivíduos e grupos sociais”. Neste sentido, o autor propõe uma série de questões que permitiriam não apenas identificar quais conhecimentos ou grupos sociais são incluídos ou excluídos do currículo (e também “de que forma estão incluídos”), mas também verificar, “como resultado dessas divisões, dessas inclusões e exclusões, que divisões sociais — de gênero, raça, classe — são produzidas ou reforçadas. (SILVA, 2000, p.85)

No entanto, estes “corpos que pesam no currículo” (BUTLER, 2003), articulam-se em movimentos sociais e atuam em correlação de forças, em contraponto ao poder dominante, para alterar uma realidade vigente: é o caso do TransENEM. Um dos principais “porquês” para sua criação foi que enquanto 50% das travestis e transexuais com Carteira de Nome Social possuem nível médio, o percentual para a população do Estado do Rio Grande do Sul é de apenas 23,7%.<sup>11</sup> Neste espaço, pude observar uma outra possibilidade: a do respeito, inclusão e empoderamento que o curso propõe e propicia. Os próximos capítulos contam um pouco do meu primeiro contato com o curso, das cenas observadas ao longo do ano e dão lugar às vozes que lá residem.

---

<sup>9</sup> Ver: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)>

<sup>10</sup> Ver: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>

<sup>11</sup> Ver Censo 2010: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/amostra/>>.

### 3. QUANDO MEU ES(TUDO) COMEÇOU

Esta etnografia teve um início anterior ao seu próprio início. Meu primeiro encontro com o TransENEM foi marcado para uma assembléia do coletivo, no dia 12 de agosto de 2017. Em um sábado de muito sol e um pouco de frio, eu, muito animada e um pouco ansiosa, dirigi-me para o endereço combinado. “É no centro, ao lado da Cinemateca Capitólio”, constava na mensagem recebida. Ao ler, pensei prontamente “Bom, se não forem de acordo com a realização da minha pesquisa, ao menos vou dar um passeio pela Cinemateca e tomar um café, ao fim da assembléia. Vou levar um livro. Mas vai dar tudo certo!”.

Chegando lá, toquei o interfone do prédio e quem me atendeu foi a dona da casa, professora de química do coletivo: “Pode subir”. Conforme os andares foram aumentando no visor do elevador, a ansiedade também foi. Porém, no momento em que abriram a porta, senti que esse ato não se tratava apenas de um movimento literal, “abriram a porta” foi também uma expressão figurativa para o modo como pude me sentir. Percebi na pele o sentido de uma palavra que muito ouviria ao longo do segundo semestre de 2017: acolhimento. Em poucos minutos eu estava sentada comendo bolachas que eram socializadas em roda, enquanto ouvíamos uma apresentação breve de cada um(a). Além de mim, outros três professores eram novos no ambiente, tendo acabado de passar por uma seleção.

A reunião foi organizada por pautas, que me permitiram já conhecer um pouco das demandas e dos acordos do TransENEM. Os temas giraram, principalmente, em torno de: parecer da comissão financeira; relato de quem participou do Seminário Internacional Fazendo Gênero<sup>12</sup>; questões de convivência e, por fim, uma fala informal sobre o meu desejo de realizar um trabalho no e sobre este espaço. Minha pauta, por ser a que envolveria uma votação deliberativa, foi definida para abrir a discussão.

Costumo sentir um certo nervosismo ao dirigir-me para um número maior do que cinco pessoas mas, como já ensaiei aqui, o nervosismo não apareceu. Nem mesmo neste momento. Apesar de ter vários pares de olhos atentos a mim, todos

---

<sup>12</sup> O evento aconteceu no Campus da Universidade Federal de Santa Catarina durante os dias 30 de julho à 4 de agosto de 2017, junto com 13º Congresso Mundos de Mulheres.

eram receptivos, curiosos, interessados. Fiz uma apresentação pessoal breve, compartilhei um pouco da minha vivência acadêmica e de como desenvolvi o interesse pelos estudos de gênero, até chegar ao ponto da explanação da pesquisa que gostaria desenvolver neste curso. Deixei claro o que descrevi ao longo destas páginas, sobre meus objetivos, e também minha tremenda admiração pelo trabalho que vinha sendo realizado ali e o quanto considerava relevante falar sobre ele. Os alunos(as) foram prontamente a favor, no entanto, por ser uma colocação informal, oral e sem muitas esquematizações visuais e tangíveis de como este estudo se realizaria, e por eles e elas talvez poderem ter ficado constrangidos(as) em negar a proposta na minha frente, foi deliberado em conjunto com os professores(as) e a organização, que eu iria montar uma apresentação em uma plataforma virtual e agendar uma data para sua demonstração. Para mim, essa decisão foi o primeiro dado que obtive: o cuidado e a preocupação que possuíam para que todos(as) alunos(as) se sentissem confortáveis com a minha presença, o que também considero de suma importância, afinal de contas, aquele espaço é deles e delas.

Quanto à apresentação, funcionaria como um pequeno projeto de pesquisa em que iria constar, principalmente, minha metodologia. Por ter dito logo na introdução que faria este estudo em ordem cronológica, trago ela aqui também:

### **3.1. Metodologizando**

Com o objetivo principal de entender como as experiências compartilhadas no TransENEM diferenciam-se das vivenciadas em instituições formais de ensino, tracei objetivos específicos: estudar etnograficamente o curso; analisar de que forma ele é organizado; mostrar quais as metodologias e didáticas utilizadas; captar quais as relações estabelecidas com o conhecimento no ambiente e se/como os alunos(as) participam da construção do mesmo. Para atender todas as minhas indagações, escolhi como metodologia observações participantes e entrevistas semi-estruturadas. Tratei dessas questões em minha segunda apresentação e, com sorrisos largos, obtive a permissão para realizar o estudo.

As observações aconteceram entre os meses de setembro de 2017 e seguiram até 20 de dezembro do mesmo ano (quando o período letivo acabou). No início, foram feitas durante três tardes semanais e, ao passo que fui assistindo às

aulas de todos professores e professoras, diminuí o número para um dia na semana. Tudo que pensei, vi, ouvi, senti, cheirei e saboreei ficou marcado entre meus registros de campo e registros fotográficos. Ao todo, somaram-se em torno de cem horas de atividades de observação, divididas entre aulas, assembléias e eventos dos quais o curso participou.

Quanto às entrevistas semi-estruturadas, elaborei um termo de consentimento (ver Apêndice 1) e um roteiro de perguntas (ver Apêndices 2, 3 e 4) com o intuito de guiar a conversa. Foram realizadas sete entrevistas, sendo cinco feitas com os alunos(as) mais assíduos(as) com idades entre 20 e 40 anos, e as demais feitas com um professor e uma organizadora do coletivo.

As sessões a seguir, portanto, estão divididas em dois principais eixos organizados com subcapítulos. O primeiro eixo ficou voltado às observações, e o segundo eixo às entrevistas. De muitas páginas, fotos, vozes, áudios e ideias, é que extraio e lapido o que compartilho agora.

## 4. CENAS E CENÁRIOS

### 4.1. Andanças

Falar em “andanças” significa aglutinar dois principais significados, o de realizar um percurso físico, e o de trilhar uma trajetória de vivências pessoais a partir de trocas sociais (estabelecidas durante este percurso físico de nosso corpo em diferentes espaços). Para dar vazão a este subcapítulo, portanto, refaço meus passos nestas páginas para narrar como foi a chegada na sala de aula do TransENEM, lugar que agora também faz parte de minha trajetória.

Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar. O olhar precisa esquadrihar as paredes, percorrer os corredores e salas, deter-se nas pessoas, nos seus gestos, suas roupas; é preciso perceber os sons, as falas, as sinetas e os silêncios; é necessário sentir os cheiros especiais; as cadências e os ritmos marcando os movimentos de adultos e crianças. (LOURO, 1995, p.63)

Ir no centro da cidade é deparar-se com diversos ambulantes, comércios, pichações de frases de efeito, grafites coloridos, barulhos de carros, vozes querendo ser ouvidas, pessoas com pressa e vários prédios com suas alturas e arquiteturas robustas - entre eles, o do Instituto Federal do Rio Grande do Sul. Senti-me em um labirinto assim que entrei, mas após algumas informações e, sendo guiada por uma música, encontrei o local. Lá, uma aluna aguardava ouvindo Cher<sup>13</sup> no computador, cantando e acenando com um leque. “Boa tarde”, disse-me sorrindo, enquanto baixava um pouco o volume do som. Logo depois, chegou um aluno que, após me cumprimentar com um abraço, sentou-se na classe retirando o livro *Ovelhas Negras*<sup>14</sup> da mochila para ler. Só a cantora-dançarina-de-leque e o leitor-quieto-de-Caio compareceram, e assim seguiu a cena por mais alguns instantes, com ambos à sua maneira esperando o professor chegar. Enquanto isso, completei-a com o cenário: além de um computador com internet e classes, a sala de aula conta com mesa para o professor(a), quadro negro, mural de avisos e um ar condicionado (que não funciona). Apesar de sem janelas, é extremamente clara e branca (Figura 1 e 2).

---

<sup>13</sup> Cantora e Atriz dos Estados Unidos.

<sup>14</sup> Obra de contos do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu.

Como forma de torná-la um pouco mais colorida e identificável ao TransENEM, foram fixados ao mural diversos símbolos feitos por alunos e alunas (Figura 3).

**Figura 1:** Foto da sala de aula do coletivo TransENEM POA



Fonte: Autoral, feita em 13 de setembro de 2017.

**Figura 2:** Foto da sala de aula do coletivo TransENEM POA



Fonte: Autoral, feita em 13 de setembro de 2017.

**Figura 3:** Foto do mural de avisos com símbolos feitos por alunos e alunas do coletivo TransENEM POA



Fonte: Autoral, feita em 13 de setembro de 2017.

Com o propósito de acompanhar várias outras cenas, minha visita ao cenário das fotos tornou-se frequente. Foram muitas as palavras escritas em meu diário de campo e as sensações inscritas em mim, de modo que, de toda intensa convivência, algumas constatações foram surgindo.

Os encontros, que acontecem nas tardes de segunda à sexta-feira das 14h às 18h05min, funcionam como uma formação não apenas para alunos(as), mas para professores(as) também. A palavra aqui possui dois sentidos: o primeiro é que todos os(as) docentes que adentram o curso participam de uma formação que ocorre visando sensibilizá-los para os conceitos de gênero e sexualidade, com intuito de criar um ambiente o mais favorável e acolhedor possível para os alunos e alunas trans\*. O segundo sentido diz respeito a noção de que por possuir um caráter voluntário, muitos(as) professores(as) tem suas primeiras experiências ministrando aulas no coletivo, o que denota uma abertura para o aprendizado mútuo. Além disso, a organização do curso é feita de forma horizontal, quebrando aquela barreira que

muitas vezes se instaura entre professor(a) - aluno(a) e fazendo com que todos(as) que participam do projeto façam parte de sua construção.

Assistindo diversos períodos, que são divididos entre disciplinas, percebi que além dos temas voltados para o vestibular e da dinâmica de resolução de questões estarem colocados em aula - por serem importantes vide o objetivo de ser um curso preparatório - também existe forte vinculação e abordagem das questões de gênero e sexualidade no currículo, bem como uma didática de ensino aberta para alunos(as) vincularem os conteúdos com suas vivências pessoais, tendo sua existência e realidade reconhecida. Visualiza-se assim, como colocado por Fróes (2016), um propósito efetivo de antagonizar o modelo tradicional de ensino liberal.

A cultura da escola faz com que respostas estáveis sejam esperadas e que o ensino de fatos seja mais importante do que a compreensão de questões íntimas. Além disso, nessa cultura, modos autoritários de interação social impedem a possibilidade de novas questões e não estimulam o desenvolvimento de uma curiosidade que possa levar professores e estudantes a direções que poderiam se mostrar surpreendentes. Tudo isso faz com que as questões da sexualidade sejam relegadas ao espaço das respostas certas ou erradas. (BRITZMAN, 2007, p.85-86)

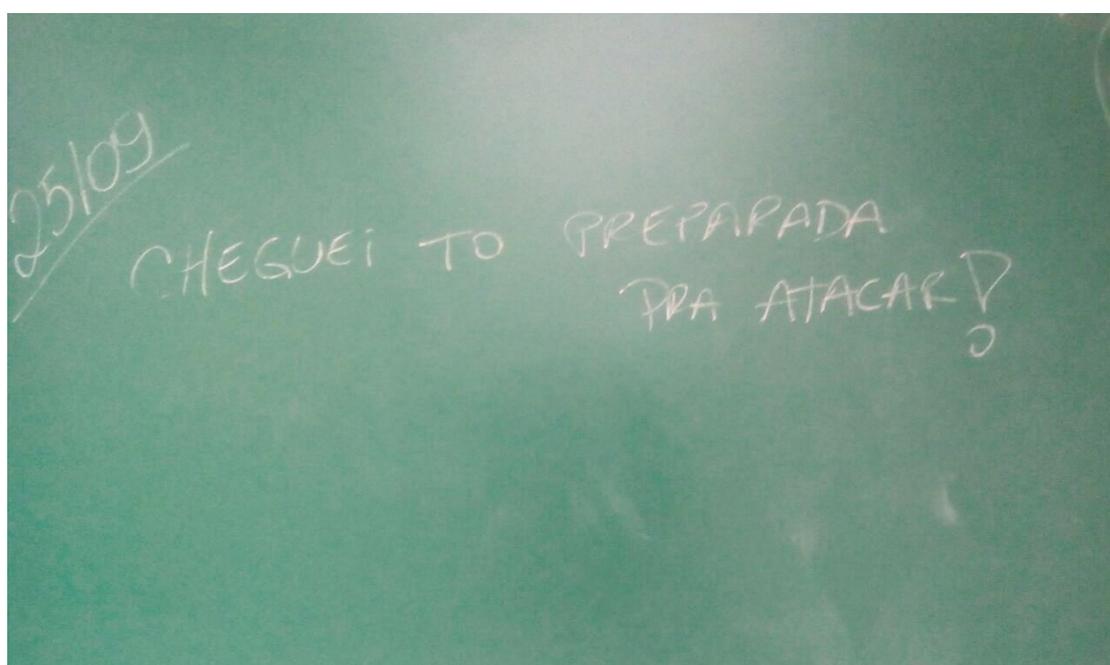
Traçando ainda outros paralelos possíveis, nas escolas formais os corpos estão sendo o tempo todo disciplinados a calar, sentar e assimilar. Todas as diferentes identidades sexuais e de gênero são coagidas à anulação, deixando marcas em quem não corresponde à heteronormatividade. Já no TransENEM, outra experiência é viabilizada, a de uma pedagogia que transmite sensação de pertencimento a partir de uma constante escuta e empatia com aqueles e aquelas a quem é destinada, em uma educação que realmente transforma. Essa pedagogia foi chamada por Louro (2004, p.38) de uma “atitude epistemológica” *queer*.

O caminho parece ser o de pensar queer, ou seja, assumir o queer como “atitude epistemológica”. Pensar queer significa questionar, problematizar, contestar todas as formas bem comportadas de conhecimento e identidade. É uma epistemologia subversiva, impertinente, profana. Isso significa mais do que incluir temas queer no currículo e desenvolver um ensino sobre ou para sujeitos queer mas colocar em questão processos de normalização que usualmente estão em funcionamento. É necessário desconstruir o processo pelo qual alguns indivíduos se tornam normalizados e outros marginalizados. deve-se atacar e minar esse processo, por em cheque a heteronormatividade.

Por ser ainda bastante recente, o projeto depara-se com algumas dificuldades, a maior delas é a da evasão. A frequência de alunos(as) regula-se

entre cinco à dois presentes, em turmas que começam com um número dobrado. A rotação de professores(as) por eventuais saídas também acontece assiduamente. Os principais motivos desse fenômeno têm justificativas como a falta de verba para custear os transportes necessários para o deslocamento até o curso, em ambos os casos, e problemas relacionados à saúde mental ocasionadas pela transfobia (como depressão, crises de ansiedade e pânico) que atravessa a realidade dos(as) estudantes. Para esses problemas, duas alternativas foram encontradas, na medida do possível. No que tange ao impeditivo do valor das passagens, o coletivo criou uma comissão financeira (organizada por voluntário(as) que não professores(as)) e angariou verbas por meio de inscrição em editais e doações online, com a finalidade de angariar fundos para transporte e elaboração de materiais de divulgação. Para atender às questões de ordem psíquica e pessoal, foi elaborada uma comissão de atenção à alunos(as) formada por três psicólogas (sendo uma também assistente social) e duas pedagogas que auxiliam os(as) discentes durante um período semanal. Através dessas ações, duas alunas regressaram. Ambas estavam muito animadas em voltar a frequentar às aulas: a primeira delas chegou deixando a letra da música “Sua Cara” como mensagem no quadro (Figura 4), enquanto a segunda trouxe uma térmica de café e um bolo para socializar entre os(as) colegas.

**Figura 4:** Mensagem deixada no quadro por uma aluna do TransENEM



Fonte: Autoral, feita em 25 de setembro de 2017.

A estrutura organizacional do curso, apesar de funcionar primordialmente por Grupos de Trabalho (GT) temporários, em que cada integrante se dispõe a realizar as tarefas conforme vão surgindo, também conta com outras duas comissões. A comissão de alunos(as), que é composta e feita pelos(as) próprios(as), buscando promover pautas e orientar possíveis demandas para o coletivo, com o objetivo de de manter-se como um local de acolhimento, respeito e formação de pessoas trans\*. E a última comissão é de relações externas, que possui função mais administrativa, tendo a tarefa de manter a relação com outros cursos pré-vestibulares similares do país.

Para além de toda a descrita organização interna, o projeto também possui redes de apoio, são elas: Associação de Travestis e Transexuais do Rio Grande do Sul (Igualdade RS)<sup>15</sup>; Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do Rio Grande do Sul (SJDH-RS)<sup>16</sup>; Grupo de Direitos Sexuais e de Gênero (SAJU-UFRGS)<sup>17</sup>; Núcleo de Pesquisa em Sexualidade e Relações de Gênero (NUPSEX-UFRGS)<sup>18</sup>; e Centro de Referência em Direitos Humanos, Relações de Gênero e Raça (CRDH-UFRGS)<sup>19</sup>. Por diversas vezes, as referidas parcerias disponibilizaram tanto encaminhamentos para serviços de saúde quanto assessorias jurídicas e sociais.

O conjunto das cenas percebidas durante minhas “andanças”, demonstrou que o TransENEM é muito mais do que um espaço de preparação para provas de certificação do ensino médio<sup>20</sup> e vestibular, é um lugar de sociabilidade seguro que constrói relações de afeto entre integrantes e possibilita a inclusão e o empoderamento de identidades trans\*. Ademais, a organização em geral não tem receio de mudanças, rearranjos e novas formulações para moldar-se conforme necessidades que venham surgindo, ao contrário, procura sempre a reinvenção e transformação que contemple aqueles e aquelas para quem o curso é dirigido.

---

<sup>15</sup> Ver site: <<http://www.igualdaders.org/>>

<sup>16</sup> Ver site: <<http://www.sdstjdhs.rs.gov.br/inicial>>

<sup>17</sup> Ver site: <<http://www.ufrgs.br/saju/>>

<sup>18</sup> Ver site: <<http://www.ufrgs.br/nupsex/>>

<sup>19</sup> Ver página: <<https://www.facebook.com/crdhufrgs>>

<sup>20</sup> Muitos(as) estudantes procuram o TransENEM após um longo período de evasão escolar para, além do interesse de adentrar no ensino superior, também obter auxílio para realização da prova do Enceja. Ver site: <<http://enccejanacional.inep.gov.br/encceja/>>

#### 4.2. “Estudar não é só ir para aula”

Durante uma das assembléias mensais do coletivo, ouvi a frase parafraseada acima. Pensei nela por vários e vários dias e atualmente carrego-a dentro de mim, pois denota que “processos educativos ocorrem em muitos lugares além da escola e educadores alargam seu meio de ação considerando as formas de cultura popular como pedagogias culturais” (LOURO, 2010). Todos os lugares os quais frequentamos constituem um aprendizado pessoal, um estudo empírico de novas experiências que nos formam como indivíduos. Ir até o centro de Porto Alegre, por exemplo, constitui uma oportunidade de depararmos-nos com um grupo musical tocando *Jazz* no meio da rua, uma peça de teatro acontecendo na próxima esquina, e uma exposição de quadros colocados nas calçadas, além da oportunidade de assistirmos à um filme no cinema ou à uma obra no museu. Este movimento gera, para cada um(a) que o vivencia, a assimilação de um capital cultural.

O capital cultural pode existir sob três formas: no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais - quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc.; e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao certificado escolar, ela confere ao capital cultural - de que são, supostamente, a garantia - propriedades inteiramente originais. (BOURDIEU, 2010, p.02)

Contudo, sabe-se que cultura é um campo de batalha (HALL, 2005) e minorias sexuais<sup>21</sup> muitas vezes não têm acesso a esse capital cultural pela “dificuldade de circular à luz do dia pelos territórios que o corpo travesti e transexual não tem legitimidade social” (SILVIA, 2014, p.46). Quando o coletivo expressa que estudar não é só ir para aula, portanto, ele reivindica uma luta para além do acesso ao ensino superior e propõe o enfrentamento ao heterossexismo para o acesso a cidade em sua totalidade.

Seguindo essa concepção, muitos foram os demais cenários que pude acompanhar o TransENEM ocupando. Em uma terça-feira de primavera, todos(as)

---

<sup>21</sup> É fundamental reconhecer que minoritário, nesse caso, não remete à quantidade, e é, sim, indicativo do modo como um grupo dominante nomeia aqueles que dele diferem. Trata-se pois, de práticas e identidades sexuais que se diferenciam ou se afastam daquelas que são ditas normais. (LOURO, 2010, p.143).

compareceram à um protesto no Santander Cultural pelo caso do fechamento da exposição QueerMuseu<sup>22</sup>. Ligado a isso, na sexta-feira próxima aconteceu uma saída de campo ao Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS)<sup>23</sup> para assistir a uma palestra de um dos expositores. Através de articulações, o coletivo também conseguiu ingressos para assistir ao show das Bahias e a Cozinha Mineira<sup>24</sup> e a peça Caio do Céu<sup>25</sup> no Teatro São Pedro<sup>26</sup>. Por último, aconteceram participações do curso em dois seminários. O primeiro foi uma organização do curso de História na Semana Acadêmica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no qual alunos(as) do TransENEM realizaram uma fala sobre seu funcionamento e vivências no espaço. O segundo foi 1º Seminário Diversidades Saindo das Caixas, planejado pela NUPERGS e que ocorreu no próprio IFRS entre os dias 30 e 31 de outubro de 2017. Neste último, várias integrações que aconteceram são extremamente importantes de destacar no grande rol deste capítulo de “cenas e cenários”.

Em dois dias com três turnos intensos de atividades, ocorreram diversas discussões na área de gênero e sexualidade. Durante um momento de apresentações de vários trabalhos, uma inscrita abordou o processo de preparação para recepção e presença do TransENEM como um projeto de extensão do Instituto Federal (Figura 6). A primeira preocupação da gestão dizia respeito a acolhida e o não constrangimento de alunos(as) no campus. Para isso, uma questão foi elaborada: “quais especificidades precisamos pensar para atender o curso?”. A resposta apontou para necessidades humanas e necessidades estruturais (arquitetônicas).

As necessidades humanas giraram em torno de um treinamento com os funcionários do prédio a fim de garantir o respeito com alunos(as), bem como a utilização do nome social nos crachás de identificação para o reconhecimento das identidades trans\*, afinal de contas, “é com o uso do nome que iremos nos

---

<sup>22</sup> Para saber mais:

<<https://www.sul21.com.br/jornal/ativistas-lgbt-protestam-contrafechamento-de-exposicao-no-santander-e-por-visibility/>>

<sup>23</sup> Ver site: <<http://www.margs.rs.gov.br/>>

<sup>24</sup> Grupo musical brasileiro, formado na Universidade de São Paulo em 2011.

<sup>25</sup> Peça com roteiro que tem como base contos, crônicas, poemas, trechos de cartas, textos teatrais, entrevistas e citações do autor.

<sup>26</sup> Ver site: <<http://www.teatrosaopedro.com.br/>>

relacionar no cotidiano e existir socialmente” (ROBALO, 2014, p.78). As necessidades estruturais, por sua vez, foram voltadas para questão do banheiro. Nos corredores onde os(as) estudantes circulam, as placas com os dizeres “masculino” e “feminino” extinguíram-se. Ao ouvir isso, um aluno do curso que estava sentado ao meu lado durante a apresentação imediatamente disse-me: “*Nossa, eu não sabia disso. Tinha dias que saía do IF apertado pra pegar o trem e ia assim até em casa. [risos] Banheiro pra gente sempre é um problema*”. Essa fala marcou em mim o quanto simples atitudes (como o ato de retirar placas de um banheiro) podem facilitar e viabilizar tantas vidas. O trabalho apresentado, além disso, demonstrou como é importante uma gestão estar atenta e planejada, ao invés de promover medidas posteriores às situações de violência.

**Figura 6:** Apresentação do trabalho “A gestão do espaço escolar para a inclusão de alunos transgêneros” que aconteceu durante o 1º Seminário Diversidades Saindo das Caixas no Instituto Federal do Rio Grande do Sul.



Fonte: Autoral, feita em 30 de outubro de 2017.

Além da apresentação de trabalhos, outras atividades muito interessantes também aconteceram durante o seminário e contaram com a participação do TransENEM. Alunos(as) em conjunto elaboraram um varal da diversidade com

informações sobre a população LGBT para expor na parede do campus (Figura 7) e um aluno realizou uma performance artística de sua *drag queen* (Figura 8).

**Figura 7:** Varal da diversidade feito por alunos(as) do TransENEM POA no 1º Seminário Diversidades Saindo das Caixas



Fonte: Autoral, feita em 30 de outubro de 2017.

**Figura 8:** Performance artística de um aluno do TransENEM POA no 1º Seminário Diversidades Saindo das Caixas



Fonte: Autoral, feita em 30 de outubro de 2017.

### 4.3. LGB inclusivo

Além das cenas do seminário reproduzidas acima, foram muitos os acontecimentos no fim do mês de outubro. Como parte das metamorfoses que compõe o TransENEM, nasceu a proposta de incluir alunos(as) LGB<sup>27</sup> no projeto. Sabe-se que nas escolas “A orientação sexual que foge do paradigma heterossexual hegemônico aparece entre os motivos mais fortes de preconceito, o que gera agressão e violência simbólica” (SEFFNER, 2011, p.571). A Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil<sup>28</sup> realizada em 2016 pela Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), demonstra dados preocupantes de lgbtphobia acontecendo nas salas de aula: em entrevistas realizadas com mil estudantes LGBT de 13 a 21 anos, 73% afirmam terem sido xingados e 27% sofrido agressões físicas na escola por conta de sua orientação sexual. Além disso, o relatório também mostra que 56% dos(as) entrevistados(as) foram assediados(as) sexualmente na escola.

As coisas se complicam ainda mais para aqueles e aquelas que se percebem com interesses ou desejos distintos da norma heterossexual. A esses restam poucas alternativas: o silêncio, a dissimulação ou a segregação. A produção da heterossexualidade é acompanhada pela rejeição da homossexualidade. Uma rejeição que se expressa, muitas vezes, por declarada homofobia. (LOURO, 2010, p.27)

Todos esses números alarmantes de vivências tão duras abafadas no ambiente escolar, estiveram presentes na noção da proposta feita em assembléia pelo TransENEM. Com a maioria dos votos, o curso passou a ser também LGB inclusivo. O termo, criado pelo coletivo, propõe que essa formulação ainda está em fase de experiência e que o espaço continua sendo voltado para pessoas trans\*, levando em conta como estas sentiram-se com a presença de novos(as) alunos(as).

Após os processos seletivos, uma aula inaugural aconteceu. Vários diferentes rostos apareceram e, sentando-nos em círculos, pudemos ouvir e enxergar as histórias de cada um(a). A primeira foi a do próprio TransENEM, a partir de uma explanação feita pela professora de Sociologia, que compartilhou conosco todas as inspirações, informações, criações e, além disso, uma aula de formação sobre

---

<sup>27</sup> Sigla correspondente a lésbicas, gays e bissexuais.

<sup>28</sup> Ver dados na íntegra em:

<<http://static.congressoemfoco.uol.com.br/2016/08/IAE-Brasil-Web-3-1.pdf>>

gênero e sexualidade. Para as demais histórias, uma dinâmica foi organizada pela professora: alunos(as) ganharam papéis em que deveriam escrever os pronomes pessoais “ele” ou “ela” ou o artigo “o” ou “a” ao lado de seu nome para garantir o respeito a identidade de gênero de todos(as). Junto da dinâmica, os(as) estudantes compartilharam seus interesses de vida e planos de cursos para universidade.

Essa recente fase do coletivo, além de integrar ao cenário outros sujeitos e corpos marcados pelo processo heteronormativo das escolas formais, também pode dar um gás no intenso último trimestre de aulas do ano ao formar uma turma mais numerosa e movimentada por novas vozes.

#### **4.4. O convite**

Acredito que nosso compromisso acadêmico é sempre político. Se quisermos contribuir na promoção de uma política antinormativa, é preciso que pensemos na ressemantização dos termos disponíveis, buscando uma outra estratégia política e estratégias teóricas que possam desvelar o lugar do desejo na ordem social. (POCANY, 2010, p.85)

Logo no início de novembro, recebi um *e-mail* com o assunto “Convite muito especial”. Aquele título despertou-me imensa curiosidade e uma alegria talvez intuitiva. Imediatamente, comecei a ler. As duas professoras de Sociologia do TransENEM escreviam-me para contar sobre a necessidade de terem de se afastar do coletivo, uma por planos pessoais que a distanciariam da cidade, a outra por estar com intensos compromissos com o mestrado. O convite veio a seguir: pensando na minha formação em Ciências Sociais e tendo em vista, também, a proximidade que havia construído com alunos(as) e demais integrantes do curso, ambas gostariam que eu assumisse a disciplina. Fiquei extremamente feliz e animada com o pedido, aceitando prontamente. A única preocupação, no entanto, foi com o tempo. Quando eu deveria começar a ministrar às aulas? Como organizar-me para preparar materiais e temas que teria que abordar? E o meu trabalho de conclusão de curso, em que pé ficaria em meio a tudo isso?

As primeiras questões foram amenizadas quando soube que existia um plano pedagógico de Sociologia elaborado pelas professoras desde o início do ano, ficando ao meu cargo um estudo de revisão para os últimos dois meses letivos. Já, sobre a última indagação, uma autora pairava minhas ideias mostrando a resposta:

Não buscamos os saberes comandados pelo falocentrismo (saudades da presença da Palavra única e verdadeira) e pela visão incorpórea, mas aqueles comandados pela visão parcial e pela voz limitada. Não perseguimos a parcialidade em si mesma, mas pelas possibilidades de conexões e aberturas inesperadas que o conhecimento situado oferece. O único modo de encontrar uma visão mais ampla é estando em algum lugar em particular. A questão da ciência para o feminismo diz respeito à objetividade como racionalidade posicionada. Suas imagens não são produtos da escapatória ou da transcendência de limites, isto é, visões de cima, mas sim a junção de visões parciais e de vozes vacilantes numa posição coletiva de sujeito que promete uma visão de meios de corporificação finita continuada, de viver dentro de limites e contradições, isto é, visões desde algum lugar. (HARAWAY, 2009, p.34)

Para a realização de minha pesquisa, compartilho muito da noção de saberes localizados que Dona Haraway defende. Escrever uma produção acadêmica que seja científica e política é corporificar-se em um determinado espaço e falar a partir dele. Assim, ao situar-me também como docente no coletivo, pude reiterar ainda mais uma objetividade feminista em meu trabalho, que nega uma neutralidade e abusa dos sentidos visuais e orgânicos do corpo.

As vivências que desempenham um papel para além das coxias do cenário até agora foram poucas, pois atuando como professora lecionei apenas cinco aulas antes que o semestre acabasse. No entanto, foram cinco aulas muito participativas em que pude aprender (para além da pretensão de ensinar qualquer coisa) ao escolher abordar a temática de movimentos sociais e questões de gênero. Alunos(as) que participam do movimento LGBT, do movimento negro e do movimento pela moradia em Porto Alegre, socializaram comigo suas experiências de luta durante dois períodos semanais do dia 13 de novembro à 18 de dezembro, engrandecendo e tornando muito especiais minhas tardes antes monótonas de segundas-feiras.

## 5. NARRATIVAS QUE IMPORTAM

### 5.1. Remando contra a maré

Para dar início ao capítulo de narrativas que intercala terceira e (principalmente!) primeira pessoa, trago a entrevista realizada com uma das organizadoras do TransENEM que esteve presente em todo seu processo de criação. Do alto de seus 57 anos, com formação em pedagogia e muita experiência em projetos sociais de educação popular, ela conta um pouco das principais ideias e preocupações para realização do coletivo:

*“Bom, eu função do que nós tínhamos, da nossa realidade naquela época, a nossa primeira preocupação era como que nós... Bom, não temos dinheiro, não temos nada. Nós somos um grupo de pessoas que quer fazer alguma coisa para que as pessoas trans possam se preparar para o enem. Naquela época o enem, ele também certificava para o ensino médio. Então verificamos assim: Bom, tem que ser tudo voluntário, ahn... Vamos chamar outras pessoas da área da educação que também queiram. Então fomos dividindo tarefas, né? É importante dar visibilidade, mostrar pro município e pro Estado, pras organizações da sociedade civil. As ONG's que já trabalham com essa temática foram instituições que estavam junto conosco desde o início né, pensando. A própria universidade também foi chamada. Pessoas que já trabalham com a... Pesquisam e já trabalham com essa temática. Então fomos pensando assim. E onde que vai ser essas aulas? Possibilidades para que as pessoas pudessem assistir. E pensávamos também na questão de como chamar essas pessoas. As pessoas trans, para poder... Para que elas acreditassem na idéia e para que elas participassem. Também uma outra preocupação era de repassar informações, por exemplo, informações jurídicas, várias questões assim. Então nós chamamos algumas pessoas que nós conhecíamos, fizemos várias rodas de conversa para falar das leis... Do que que ajuda ou do que abarca, do que protege pessoas trans de uma forma ou de outra. Várias questões! Falar do histórico também, de como é que que tudo chegou, como é que as coisas chegaram nesse ponto. Então foi bem interessante, nós íamos trocando idéias, né? Trocando informações.”*

Continuando nossa conversa, a pedagoga demarca a importância que confere à educação baseando-se na Constituição de 1988, e reparo que também muito calcada na concepção de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU)<sup>29</sup>, a qual menciona: “Os Direitos Humanos incluem o direito à vida e à liberdade, à liberdade de opinião e de expressão, o direito ao trabalho e à educação. Todos merecem estes direitos, sem discriminação.”

*“Bom, o TransENEM, para mim ele é uma ação muito política. Porque educar, a educação, ela é um direito que te dá acesso à outros direitos.*

<sup>29</sup> Ver site: <<http://www.onu.org.br/>>

*Uma pessoa que não tem acesso à educação, seja a pessoa que for, ela está sendo proibida de exercer seus direitos básicos. Na nossa Constituição Federal, a Constituição Cidadã, ela... A educação, assim como a saúde, estão lá como direitos fundamentais. Então, quando uma pessoa tem esse direito negado, isso é algo seríssimo, assim. Muito sério. Então o TransENEM, ele vem para dar um apoio e poder fazer com que essas pessoas, em especial as pessoas trans, possam ter a oportunidade de entrar em uma universidade. Elas também têm esse direito de escolher cursar um curso superior, estar lá na universidade e poder ter uma profissão que seja a profissão que ela quiser. Ela tem esse direito de escolher.”*

Quando Lins Robalo (2014) diz que não aceitar o uso do nome social é negar socialmente um espaço às pessoas trans\*, ela refere-se exatamente ao que a entrevistada expressa ao falar de um direito à educação negado, o que recai na noção de que “a sociedade reserva aos ‘corpos ilegítimos’ lugares específicos de circulação” (SILVA, 2014, p.42).

*“Bom, eu acho que eu já respondi ali a relação com o conhecimento, porque uma pessoa trans, se ela é excluída ela não tem como ser mais do que aquilo que deixam. Em geral. Até hoje em dia ainda existe isso, né? De uma pessoa trans, em especial as mulheres trans, serem ahh... Acabarem apenas na prostituição. Então... Ser uma profissional do sexo né, uma puta, uma prostituta, ou um homem que se prostitui ahh.... Assim como qualquer outra coisa na vida, merece ser uma escolha e não a única possibilidade. Então as pessoas precisam ter essa opção ahh... Ter a profissão do sexo como uma opção e não como a única. Então o conhecimento na verdade vem para que a pessoa possa, para ela poder escolher. Para ela poder ser. Porque pessoas trans são pessoas como qualquer outra pessoa, que pode muito bem produzir conhecimentos. Seja na universidade, seja fora da universidade, seja onde for. Mas precisa primeiro, e até para poder mudar isso. “Ah, porque esse sistema ele é burguês, heteronormativo e... “ Ok, é. Mas para mudar nós precisamos de representatividade dentro dos espaços. Então nós precisamos de pessoas trans dentro da universidade, pessoas trans pensando a educação, nós precisamos disso. Nós precisamos de tudo isso, então nós precisamos que as pessoas estejam dentro dos lugares. Se elas não conseguem ter acesso, então nós estamos com um grande problema.”*

Por último, quando indago como é participar do espaço, a organizadora compartilha um pouco mais de todos os processos atravessados pelo TransENEM com muita satisfação e luta.

*“Quando tu perguntas “como é participar desse espaço?” tu tá perguntando para mim? Enquanto uma pessoa cis hétero mulher branca... Bom, para mim, eu adoro! É um desafio muito grande porque é um coletivo e desde o início nós pensamos em ser um coletivo e não ter alguém que manda e outros que obedecem. Tanto que algumas pessoas ficam muito incomodadas com isso, porque precisa ter uma boa discussão entre nós para que as coisas aconteçam. Bom, é um modelo que nós temos e eu acredito que para ser inclusivo, para que as coisas aconteçam realmente, há necessidade de muita discussão. Porque se é simplesmente um que*

*decide e os outros que fazem, isso não é ser inclusivo. Isso não é fazer a diferença, e a proposta do TransENEM é incluir. E se nós vamos incluir, então tem que ser diferente do sistema lá de fora, então tem que ser algo... Agora nós estamos em um estágio, porque é tudo um processo, nós estamos em um estágio aonde nós precisamos sim criar critérios, até porque o TransENEM nasceu em 2015, mas em 2015 foi toda uma preparação para receber as pessoas, alunos e alunas. Começou em 2016, aí que nós fomos ver como é que funciona, como é... É com o andar da carocha, né? Que tu vê as coisas acontecendo é que tu vai ver se funciona ou não. Tu tem uma expectativa, mas entre expectativa e realidade... Então foi um processo. Aliás, é um processo, nós estamos nisso. O TransENEM, ele não pode ser fechado. Ele não pode ser como uma escola comum, assim. "Ah, então tá, então agora nós vamos..." Não, tem que ser algo aberto. Aberto no sentido de estar sempre se repensando. O fato de estar, por exemplo, de o TransENEM estar dentro do Instituto Federal é algo sensacional! Porque todo mundo aprende, tanto o pessoal que é aluno e aluna, professores e professoras, assim como o pessoal do próprio Instituto Federal que tá em constante contato com o pessoal do TransENEM. Então, é... Me lembro assim dos primeiros, da primeira turma, quando eles receberam... O pessoal recebeu seu crachá. Que começavam a tirar foto com o seu crachá. Isso é extremamente importante. É um reconhecimento da pessoa enquanto um ser, enquanto cidadão e cidadã. Isso é maravilhoso! Então tu vai construindo isso aos poucos. E quem nunca passou por nada, assim... Nesse sentido de ter... De passar vergonha por causa do seu nome, ou não ir a determinados lugares porque sabe que vai ser excluída ou excluído em função da sua aparência física ou do seu nome que não é adequado, não sabe o que é. Então é preciso que a gente possa, ahn... Aprender também, todo mundo junto, a rever coisas, a repensar. E isso não é uma coisa tranquila dentro do Instituto Federal também, né? Não vamos ser ingênuos e ingênuas, achar que "Ai, não. Agora é tudo tranquilo" Não, existem forças dentro do Instituto Federal que também reagem à isso. Então por exemplo, quem apoia o curso, também sofre determinadas pressões para que aconteçam coisas em função... Ou não aconteçam, né? Em relação ao TransENEM. Mas é aí que a gente... Isso que é bom, isso que é a luta boa! Que tu tem, que tu compra uma ideia e tu vai "Não, vamos lutar por isso!" E aí entender que a homofobia, a lesbofobia, a transfobia... Ela aparece no grande assim, por exemplo, em bater numa pessoa, dar uma lampadada na cabeça dela, ou matar essa pessoa. Ok, mas isso vai aparecer no micro, né? Aí é que é o grande problema na estrutura das coisas, porque o macro é fácil de ver, apesar de ser horrível isso, mas no micro é que são... É nos detalhes, sabe? Agora, por exemplo, nós tivemos um financiamento através do Instituto Federal e tal, porque o curso é uma extensão conseguimos o financiamento. Aí o financiamento acabou não vindo porque alguém quando foi digitar o... Lá dentro de uma tabela e tal, para receber o financiamento, esqueceu de colocar o TransENEM. Quer dizer, isso não existe! De uma pessoa esquecer algo, nesse sentido. Isso é óbvio que é transfobia, só que a pessoa também não se dá conta, sabe? Tu também precisa trabalhar com ela, é todo um envolvimento... É uma luta diária, assim. É tu matar uns três leões por dia. É tu remar contra maré o tempo inteiro. Então, eu que sou cis branca, né? A gente cansa, agora fico imaginando pessoas trans que vivem isso diariamente."*

Em nossa sociedade, os leões são representados por homens brancos de classe média e a maré é voltada à normatividade, assim, é imprescindível remar contra e resistir, bem como colocado pela organizadora.

## 5.2. “Eu sou terrível”

Conheci o professor entrevistado antes de nós nos aventurarmos no caminho da licenciatura, mas durante um processo para que isso pudesse acontecer. Em 2012, nós frequentávamos o pré-vestibular popular ONGEP<sup>30</sup>, localizado no centro de Porto Alegre, em frente a Casa De Cultura Mário Quintana<sup>31</sup>. Ele, preparava-se para cursar História, eu, Ciências Sociais. Nos tornamos muito amigos durante o ano, e ainda lembro da primeira vez que visitamos a UFRGS - antes mesmo do vestibular acontecer. Passamos a tarde no campus comendo salada de fruta à sombra de árvores enquanto conversávamos sobre a possibilidade de estudar lá no ano seguinte. Hoje, estamos perto de concluir essa trajetória acadêmica, depois de muitas saladas de fruta e sombras de árvores e de muitos semestres de infundáveis leituras e trabalhos. Para esse trabalho final, inclusive, sua presença foi imprescindível, pois através dele que conheci (e me envolvi com) o TransENEM.

Quando fiz a pergunta de como ele, por sua vez, conheceu o curso, contou-me que também por amizades as quais sabiam de seu interesse na docência e em militar pela causa LGBT.

*“Eu já entrei no TransENEM e comecei a frequentar as reuniões, as formações com uma carga assim, de envolvimento emocional relacionada a essas questões LGBT. Na época eu me identificava como uma mulher lésbica, e hoje em dia eu me identifico como um homem trans. Mais tarde eu vou falar sobre isso também, mas enfim. Ahn... Então eu já tinha um interesse muito grande assim, porque as questões LGBT, elas têm uma questão de afeto assim que é importante para mim, e esse afeto é uma questão político-pessoal,. É o que me move, é tudo que eu estudo, pesquiso, produzo e ensino acaba sendo relacionado à isso desde que eu entrei na faculdade. Mas enfim, aí eu comecei a dar aula, né? Foi a minha primeira experiência em sala de aula, eu nunca tinha dado aula antes, então eu tava bem nervoso na época para dar aula. E provavelmente eu gaguejava e coisas assim.”*

Ao ouvir essa fala carregada por uma relação de afeto, lembrei-me instantaneamente de quando Bell Hooks (2010, p.110) escreve sobre “o quão profundamente aceitamos o pressuposto de que a paixão não tem lugar na sala de aula” e propõe, a partir dessa constatação, restaurá-la. Com isso, analiso que no

<sup>30</sup> Ver site: <<http://www.ongep.com/>>

<sup>31</sup> Tendo funcionado originalmente como um hotel onde morou o poeta gaúcho Mário Quintana, hoje o é um prédio histórico e centro cultural que o homenageia no nome e ainda preserva o seu quarto para visita. Ver site: <<http://www.ccmq.com.br/>>

TransENEM (em contraponto às escolas formais referidas pela autora) essa paixão já demonstra-se presente e bem demarcada pelas colocações do professor:

*“Educação é uma das minhas paixões assim, desde criança na verdade. Porque eu vejo de uma família de professores, a minha avó era professora, minhas madrinhas, a minha mãe e... E eu ia para sala de aula quando eu era criança assim, eu nem lembro quantos anos eu tinha, eu era muito criança, eu ia acompanhar minha mãe porque ela não tinha com quem me deixar de vez em quando. Daí acho que assistir ela, o quanto ela era feliz naquele espaço, e o quanto ela tinha uma boa relação com os alunos dela... Então acho que isso foi despertando alguma paixão em mim. É um... Essa questão da educação é de um incentivo de família assim bem forte, então é outra coisa que tem muito afeto para mim, além da parte LGBT, e eu acho que é por isso que eu gosto tanto do TransENEM na verdade. Porque o TransENEM, ele une as minhas duas maiores paixões, que é militar pela causa LGBT e militar por educação e fazendo educação. Num projeto de educação. Ahn... E enfim, eu acabei construindo uma relação assim, depois eu como prof, muito agradável assim, eu acredito.”*

Seguindo a entrevista, o questionei um pouco mais sobre como enxergava o coletivo e a sua relação com o ensino de História. A resposta apontou para uma reafirmação da presença dos temas de gênero e sexualidade em sala de aula, fazendo-me perceber uma diferente postura do que Louro (2010), por exemplo, havia experienciado em seu fazer docente nas escolas. Fazer que visava anular seu corpo e colocar a sexualidade na ordem do privado. Já o TransENEM possibilitaria aos professores(as) uma “pedagogia do equilíbrio, da eterna instabilidade, nela tem desejo, tem sexualidade, coisas que não são bem vindas na escola, embora estejam dentro dela o tempo todo” (SEFFNER, 2013, p. 48).

*“Eu vejo também como um projeto de educação. E aí como um projeto de educação, ele é um projeto que articula 3 vieses assim, educacionais. Que seria: ser uma educação para jovens e adultos, porque a faixa etária do TransENEM é de pessoas de, mais ou menos assim, entre 20 e 40 e poucos anos, a maioria. E é um, é educação popular e também é educação para pessoas LGBT. Então a questão de gênero e sexualidade, ela tá muito presente em sala de aula. E eu vejo o quanto isso é importante assim... Tu vê que a pessoa já tem uma postura diferente “Ah, essa aula é para mim também! Ela diz algo sobre mim” Em relação a gênero, todas as aulas de História do TransENEM, alguém pergunta alguma coisa. Então querendo ou não, um professor ou uma professora do TransENEM tem que estar preparado para responder. Enfim, essa é minha relação com o ensino de História: É tipo, buscando a resistência, mostrar a temporalidade das coisas e como que é possível transformar esse mundo que a gente vive hoje. Usar a História como agente de transformação.”*

Perguntando, por fim, como é dar aula no coletivo e no que ele se diferencia de instituições escolares, outras análises puderam ser tecidas pois, enquanto em

alguns espaços formais de ensino professores(as) trans\* necessitam lutar por reconhecimento e respeito, vide o caso de formação de policiais feito por educadoras “não convencionais” relatado por Silva (2011), o TransENEM forma uma rede de apoio que inclusive ajuda docentes a assumirem sua identidade de gênero. E, ao passo que isso acontece, o espaço também colabora para produzir “adultos que poderão ser referencial para qualquer sujeito em formação” (REIDEL, 2013, p.49).

*Os outros ambientes de ensino em que eu dei aula foram escolas, mas nas escolas foram boas experiências mas experiências em que eu não me senti tão confortável para me assumir, na época como sapatão, mas eu também não escondi. Eu deixei os alunos e as alunas virem me perguntar, assim. Diferente do TransENEM que a gente tem essa abertura para falar sobre isso assim, se sente confortável. O TransENEM ele trás essa formação cidadã, a gente vê um empoderamento acontecendo entre os alunos, e outros professores também, né? Vide o meu caso e de outros professores, não necessariamente como trans mas como militantes LGBT's. E eu não fui o único trans a se assumir pós TransENEM, assim. Isso é algo importante de pontuar também. E enfim, é um espaço de sociabilidade importante pra gente. Então, eu vejo o TransENEM como um espaço de existência e resistência trans. No existência porque é um lugar no qual a gente, pessoas trans, podem se sentir confortáveis, seguras e acolhidas, diferente da maioria dos lugares em que se frequenta. E é uma experiência muito boa assim, particularmente dentro do TransENEM que eu comecei a me sentir mais confortável comigo e foi um dos impulsionadores assim, para eu me aceitar. Então é uma experiência que é absolutamente relevante para mim. Enfim, é muito interessante, assim. É uma experiência na qual eu aprendo constantemente, eu tô sempre me reinventando como professor e aprendendo muito com eles, assim. Esse ano, por exemplo, foi o ano que eu ensinei História e aprendi sobre como aceitar minha existência como trans e o que fazer com isso, tipo... Quais passos dar em relação ao que eu objetivo, e foi muito interessante, assim.*

Durante a entrevista com este professor e amigo lembrei-me que, certa vez, em seu aniversário de 18 anos, ele me olhou e disse sorrindo “eu sou terrível”. E não é que comprova enfrentando a heteronormatividade a cada dia que realmente é?

### **5.3. Para ter voz e vez**

Voltando ao dia em que tudo começou, referido no capítulo três, conto um episódio que aconteceu após o momento da assembléia e serviu de inspiração para a escrita deste capítulo de trajetórias dos(as) estudantes. Estávamos todos(as) em um bar conversando sobre expectativas, dificuldades e desejos ligados ao TransENEM, quando escutei a frase que explicitava que o coletivo funcionava como forma “para ter voz e vez”. O dito popular foi pronunciado por uma aluna e carrega

uma forte ideia: a de que o projeto assegura muita representatividade aos alunos(as) LGBT e também oportunidades para que tenham acesso à educação, à universidade e ao mercado de trabalho.

Essa aluna é uma mulher transexual de conversa e riso fácil, que gosta de socializar seja em uma mesa de bar ou levando uma térmica de café para sala de aula (como comentado anteriormente). Nesta entrevista, ela será apresentada como ENT1. Além dela, entrevistei outros(as) quatro alunos(as): ENT2 é um homem transexual já mais tímido, porém também muito risonho, que possui o anseio de estudar medicina; ENT 3 é uma mulher transexual que adora deixar recados no quadro e anda a rodopiar com seus vestidos floridos; ENT4 é um homem gay que ama desenhar e pretende prestar vestibular para artes visuais; e, por fim, ENT5 é uma mulher lésbica fã de *Harry Potter*<sup>32</sup> que carrega um livro diferente a cada dia na mochila e agora prepara-se para adotar um bebê junto de sua companheira. Essa é só uma pequena descrição de grandes histórias. Como poucas características não definem a complexidade da personalidade de pessoas, dou lugar às suas vozes.

Quando perguntei aos(as) entrevistados(as) como conheceram o TransENEM, as respostas declararam que por intermédio da internet e de amigos(as). Isso se deve ao fato de a comissão de relações externas do curso estar sempre atendida trabalhando em sua divulgação junto a todos(as) integrantes.

*ENT1: “Em 2015 eu estava na praia e recebi um link da divulgação do TransENEM. Como eu estava passando por depressão, eu fui para a praia passar 3 meses lá, fazer uma terapia, pegar um sol, caminhar. Então eu estava bem desocupada, e tudo que era link sobre emprego ou curso, eu me interessava porque estava procurando me ocupar. Por isso enviei e-mail pro TransENEM, para ver como era, e aí passei todos os meus dados. Foi o único local que me respondeu.”*

*ENT2: “Eu conheci o TransENEM através de um grupo de homens trans, que eu faço parte, e eles publicaram ali o link, ahn... Entrei nesse link, me inscrevi, e dessa forma fiquei sabendo. Depois entraram em contato comigo, me mandaram um e-mail de retorno pedindo para mim comparecer lá em um determinado dia, eu fui e fiz a inscrição.”*

*ENT3: “Bom, eu tava no início do ano, tava procurando alguma coisa para me identificar para estudar, porque eu tava fazendo faculdade de Serviço Social pela Uniasselvi e eu não tava muito meio que me encaixando, assim... Com o local, com o método de ensino, que é a distância. Daí eu conversei com uma menina que fazia o TransENEM e acabei que eu vi a proposta de ensino deles e eu achei maravilhosa, eu achei construtiva,*

---

<sup>32</sup> Saga de literatura fantástica da autoria de J. K. Rowling.

*achei inclusiva, achei super bacana e me encantei e quis ir. Achei magnífico [risos] Adorei!”*

*ENT4: “Eu conheci o TransENEM através de uma professora que dá aula lá, que me convidou para fazer parte porque sabia da minha vontade de entrar na UFRGS ano que vem. E foi isso.”*

*ENT5: “Conheci o TransENEM nas redes sociais, por causa disso comecei a frequentar o curso.”*

Para dar continuidade à entrevista, dois verbos são destacados: sentir e ver. Ou seja, perguntei como cada aluno(a) enxerga o TransENEM e como é estudar nesse espaço. As respostas, por sua vez, giram principalmente em torno da palavra talvez mais citada nesta dissertação, aquela mesma que compreendi já no primeiro dia de convivência com o coletivo: acolhimento. Além dela, as noções de oportunidade e formação também fizeram-se presentes.

*ENT1: “Quando passamos para o prédio do IFRS, teve uma acolhida muito boa, dos diretores e do NEPEGS, recebemos um tratamento maravilhoso, com nome social. Também a função de profes com gêneros e sexualidades alternativos, traz um grande diferencial de entendimento e aproximação mais pessoal, não fica aquela coisa professor-alune distantes, fica mais uma relação amiga, professores jovens. Até sou mais velha que a maioria dos professores, então não é só uma questão de passar conteúdo, são relações de amizade, de conversar com a mesma linguagem, ter os mesmos papos, os mesmos pensamentos, aquela outra pessoa já está na procura para se empoderar melhor, se sentir mais à vontade também. Esse acolhimento é muito importante no TransENEM. Essa ligação (participar das mesmas festas, sair para fazer eventos na rua, para ver teatro, para fazer música, tudo juntos) é ótima, e um atrativo que mantém alunes. Eu permaneço muito por causa dessa ligação. Me sinto muito realizada por ter entrado em 2015 como alune, e crescer dentro do projeto, participar de comissões, da organização, ir a reuniões, assembleias, enfim, participar de tudo. O TransENEM é um espaço onde alunes crescem junto com professores e professoras, e junto com o coletivo, pensando no melhor para o projeto e para futuros alunes que venham entrar. Assim, eu espero continuar no coletivo no ano que vem de novo, pretendo entrar para alguma licenciatura de ciências da natureza ou fazer um técnico no IFRS, em um turno diferente do TransENEM, para me manter bastante presente no coletivo.”*

*ENT2: “Bom, o TransENEM para mim foi uma boa oportunidade assim, porque como eu acabei ficando desempregado não tenho condições de fazer um cursinho pré-vestibular e tal. E eu achei que ele, além de condições financeiras e tal, ele é um curso também que tem outras finalidades. Porque a gente têm uma troca muito boa de experiência ali, que muitas vezes a gente não têm informação, não sabe muito bem como recorrer e essa troca de experiência também é bem válida assim, para tudo que a gente tá passando. E eu tô gostando bastante! Eu vejo assim, muito empenho dos professores! O tempo é curto, na verdade, para muita coisa, mas está sendo bem eficiente, assim. Tudo que eu tô aprendendo está me ajudando bastante. Me ajudou muito já no ENEM e agora para a UFRGS eu tenho certeza que vai ajudar bastante também!”*

*ENT3: “O TransENEM... Eu vejo um lugar de acolhimento. Eu acho que é tanto chute da sociedade, de ambos os lados, assim. Do lado religioso, o lado conservador, o lado heteronormativo... E quando a gente vai algo que vai contra tudo isso, de uma forma que... Tão lindamente! Porque é uma forma voluntária, ninguém tá recebendo nada a não ser o retorno de agradecimento, o retorno disso e das pessoas mesmo, sabe? Aquela coisa de afeto mesmo. Eles não têm retorno financeiro e eu enxergo isso de uma maneira muito linda, entende? Porque não envolve nem uma nem duas pessoas, envolve diversas vidas e eu tenho certeza que assim como a gente aprende com eles, eles já deixaram claro que aprendem com nós. E isso é maravilhoso, de uma magnitude que para mim não tem explicação! Eu acho muito bonito. Torço muito para que o projeto vá para frente sempre, consiga andar, consiga se desempenhar, consiga incluir mais alunes, consiga incluir mais pessoas nesse projeto. Eu acho muito legal, muito bacana, muito válido! Um lugar onde tu pode se sentir acolhida, tu pode se sentir com os mesmos direitos. Então essa visão que o TransENEM passa para gente de acolhimento e de protagonismo, que é muito importante. Porque assim, o único local que pessoas trans têm protagonismo é na prostituição, entende? Então o TransENEM vem te trazendo um protagonismo dentro do ensino e querendo incluir tu no ensino superior, então isso é muito bom!”*

*ENT4: “Bom, eu enxergo o TransENEM como um lugar de formação e acolhimento de LGBT’s, o que é muito importante no nosso Estado. Ter um espaço onde tem essa identificação, essa preocupação e essa responsabilidade é incrível! Eu tô gostando muito de fazer parte do TransENEM e eu espero que esse projeto continue daqui há muitos anos.”*

*ENT5: “Eu enxergo o TransENEM como portas portas para melhorar a educação do país para pessoas trans, LGB e etc. E estudar no IF, no TransENEM, é muito bom em questão de prédio, de estrutura.”*

Após saber um pouco mais das vivências e visões dos(as) alunos(as) em relação ao TransENEM, procurei interpelar suas experiências escolares anteriores no ensino formal. A grande maioria afirmou estar voltando a estudar depois de alguns anos de interrupções ou desistências, com motivos que apontam para dificuldade da escola em assimilar o conceito de identidade como celebração móvel (HALL, 2005) e assim desviar-se do molde de uma instituição controladora a serviço de uma sociedade de caráter heteronormativo compulsório que machuca, invalida e reprime tantas vidas. Outra razão para evasão ou distanciamento dos(as) alunos(as) deveu-se a não intervenção de professores(as) nas situações de violência e discriminação voltadas às diversidades identitárias e sexuais. Além disso, uma das alunas destaca também aqueles inconvenientes que não são necessariamente experienciados dentro do ambiente de ensino, mas fazem parte do processo de poder frequentá-lo e acessá-lo, como os olhares de estranhamento tanto nos percursos de deslocamento pelas ruas quanto nos locais de aplicações de exames

para vestibular. Esses olhares procuram demarcar território mas, felizmente, a transgressão e a resistência existem na luta para ocupar os espaços, visto no exemplo do TransENEM e de todos(as) que frequentam este coletivo.

*ENT1: “Como eu sou uma pessoa um pouco mais velha, eu não tive o “sistema de transição”, porque eu nem sabia que essa palavra existia. Mas eu era travesti desde os 14 anos, e desde criança já me vestia, já me pintava. Então, na última escola que eu estudei, eu fazia extensivo, mas tinham pessoas que faziam supletivos, e tinha um grupo de meninos que logo que eles entraram já deixaram claro que não gostavam de mim. Por causa deles eu tinha que estar sempre brigando, e eram todos os dias piadinhas, xingamentos, chutes, empurrões, coisas desse tipo. Daí esse foi um dos motivos pelos quais fui me afastando, e a escola não teve a capacidade de me dar um apoio, disseram que eu que era o motivo das brigas da escola e fizeram o meu afastamento. Antes disso, na escola onde eu me formei no primeiro grau, eu não passava tanta transfobia, porque era um grupo fechado na escola, uma turma fixa. Era um colégio de freira, mas a acolhida lá era boa, eles tinham psicopedagogas, e me davam cursos de teatro, artes, espanhol, línguas, enfim... Além disso, as salas de aula dos tempos de colégio eram de padrões bem antigos, então não tem nem como comparar com o TransENEM, porque nas minhas outras experiências era só um professor falando e a gente não podia nem interagir. E ainda não tinha pessoas trans, nem profes alternativos, com sexualidades diferenciadas (bi, gay, pan, neutros), o que não era atrativo ou acolhedor, já que ninguém se aproximava da minha experiência de vida.”*

*ENT2: “Nas escolas, eu sempre tive bastante dificuldade por causa do preconceito das pessoas, sempre com apelidinhos preconceituosos, ahn... Professora, até as vezes diretor e coisa da escola pegando no meu pé, por causa da minha roupa, por causa do meu jeito. Seriam pessoas que muitas vezes a gente quer, como a gente tá tentando se encontrar no mundo e na vida, e a gente espera um apoio e muitas vezes a gente não tem esse apoio, bem pelo contrário. Então a gente fica mais perdido, e quanto mais perdido a gente fica, mais desanima também e a tendência é sempre largar os estudos, né? Por várias vezes eu desisti de estudar. E não é que eu não quisesse, eu sempre quis completar os meus estudos mas eu acabava desistindo, depois voltava, depois desistia de novo.... E assim foi indo, sabe? Mas depois de um tempo eu consegui terminar o meu 2º grau, fazer o Técnico de Enfermagem. Eu tinha parado com 17 anos, voltei aos 25, terminei, concluí e fiz o curso técnico.”*

*ENT3: “Eu, durante o ensino fundamental, ainda não era uma pessoa transexual assumida. Eu era trans nos sentimentos mas fisicamente, no gênero de roupa assim, que é o que importa para a sociedade, porque a sociedade ainda se importa muito com roupa, com acessório, com maquiagem... Eu não tinha nada disso, então eu não tive uma... Eu tive preconceito por ser afeminado, na época né. Mas era uma coisa mínima, assim. Nada que me fizesse desistir de estudar. Daí eu assumi a transexualidade e tudo, eu fiz o ENEM como mulher trans, com o nome de registro, então foi um baque assim, para o pessoal. Porque todo mundo da minha sala tinha o mesmo nome, e o meu nome era o primeiro de todos. Daí no primeiro dia chamou e eu tive que levantar a mão, e todo mundo ficou olhando assim, com uma cara de apavorado. Tipo assim “Esse não é o lugar dela”, entendeu? “Aqui não é o lugar para ela” e tudo, porque eles estão acostumados com pessoas trans na esquina, né? Eles não estão acostumados e não querem se acostumar com pessoas trans no ensino*

*superior, no ensino médio, na faculdade, eles não querem. Simplesmente é uma coisa nítida. E isso... Alguns de nós não se rendem, algum de nós não deixam, e a gente tem um time incrível para lutar contra isso. E vai demorar muito tempo ainda, vai, mas a gente vai conseguir. Eu tenho certeza. A última vez que eu parei para estudar, eu parei para estudar até por conta da questão da transexualidade e por ser uma pessoa muito apontada na rua, no sentido de pejorativo mesmo, de as pessoas olharem assim, com um olhar tipo assim “É traveco ou não é? É travesti ou não é? É transexual ou não é?” Porque enfrentar uma sociedade machista e misógina do jeito que a gente tá, no dia assim... Os olhares que atraem na parada, os olhares que quando tu tá caminhando atraem é muito bizarro, entende? Então acaba gerando um certo desconforto até mesmo para ti tá num local onde a gente não tá acostumado. Mas estamos aí! Sim, tô voltando e o TransENEM foi um grande estimulante para mim voltar a estudar e voltar a acreditar nas coisas que eu quero para minha vida, só que infelizmente, depois de toda essa demasiada transfobia que eu passei já e que eu passo também, eu tenho muita crise de ansiedade, eu tenho síndrome do pânico, e isso fica bem foda.... Me limita assim, apesar de eu querer muito, mas o TransENEM me auxiliou e me auxilia muito, tanto que eu não iria fazer o ENEM se eu não tivesse no TransENEM esse ano. Em meio a crises de ansiedade e síndrome do pânico, tudo, consegui aguentar os dois dias de prova e vou fazer o máximo do máximo para conseguir encarar também a UFRGS. Então, o TransENEM é essencial para mim hoje.”*

*ENT4: “Bom, a minha experiência na escola não foi das melhores. Eu estudei em um colégio particular extremamente tradicionalista e teve esse embate, assim... Não teve essa identificação porque a maioria dos meus professores eram de origem rica, brancos, heteronormativos e cis. Então foi bem conflituoso...”*

*ENT5: “Minha experiência escolar foi um pouco difícil, por causa do meu gênero, né? As pessoas me taxavam muito como lésbica, como sapatão, como machorra... Então foi bem dolorido. Bem dolorosa assim, né?”*

Encerrei a entrevista com uma questão que relacionava as duas últimas perguntas: “O que há de diferente no TransENEM, comparado a outros ambientes de ensino institucional?”. O despreparo dos(as) professores(as) de escolas formais em lidar com questões referentes a gênero e sexualidade na sala de aula apareceu em contraponto à forte presença da temática no coletivo. Além disso, a preocupação do projeto em uma real inclusão e interesse nas vidas que alí habitam, também foram exaltadas como diferenciais por serem ambas posturas muitas vezes negligenciadas nas escolas.

*ENT1: “Um diferencial que o TransENEM tem, também, e que nas escolas eu não tinha visto, é o espaço de atenção a alunes. Nesse espaço sempre discutimos um tema diferenciado, tem bate-papo, interação entre membros do coletivo que não são profes (psicólogas, assistentes sociais e pedagogas) e isso ajuda muito, e nas escolas poderia até ser copiado! Além disso, o desempenho e interesse dos professores como voluntários também tem todo um diferencial, porque tem a questão do financeiro, de alunes não terem condições de pagar passagem ou se alimentar. Tem toda uma assistência social que ajuda, até se alguém precisar de emprego, ou de algo*

em casa. Então, tem um grupo de profes voluntários/as que estão interessados/as na vida das pessoas que estão ali, a gente não se sente sozinha, eu me sinto sempre abraçada e acolhida. A sala de aula não é só um espaço das pessoas assistirem as aulas, mas também um lugar de acolhimento.”

ENT2: “Assim, uma das coisas que eu gostei muito do TransENEM foi toda a preocupação. Porque quando se fala em inclusão social e esse tipo de atividade, muitas vezes eles só colocam as pessoas naquele ambiente mas não se preocupam muito em como as pessoas vão se sentir.. E o que eu vejo no TransENEM é um empenho muito grande, de todos assim, em fazer com que a gente se sinta bem e acolhido. E se preocuparam nos mínimos detalhes, como funcionários do Instituto, para que eles soubessem como lidar com a gente. O que eu gostei também muito é que o banheiro é sempre um grande problema para gente, a gente passa por muito constrangimento... Então tiveram todo esse cuidado, assim, e o que pode parecer muito simples para as outras pessoas, para a gente é sempre bem desafiador. Ir no banheiro é sempre uma coisa bem constrangedora. E eu gostei muito assim, de tudo! Sempre é tudo muito perfeito, muito bom e eu só tenho a agradecer a essa oportunidade!”

ENT3: “Quando a gente vai para o TransENEM, primeiro que já é feito uma inclusão no sentido do que é orientação sexual, do que é identidade de gênero, do que é expressão de gênero... Então isso é muito diferente, porque é um assunto que não é debatido em escola, entende? Pelo menos eu nunca debati esse assunto com outras pessoas, e no TransENEM a gente têm essa possibilidade. Então comparado a esses outros órgãos de ensino e tudo, eu acho muito muito válido, muito legal, muito bacana mesmo! Eu acho a valorização do protagonismo de pessoas trans em ensino, no ensino, eu acho que é um projeto que pode salvar vidas mesmo, sabe? Eu acho que podemos... Que a gente pode tentar com certeza, com a garra que o pessoal têm assim, do pessoal que tá nesse coletivo têm, pode mudar a vidas, pode mudar números, pode mudar quem sabe até mesmo a estatística de vida das pessoas trans hoje, que tá tão baixa, tão pequena... E saber que essas pessoas estão lutando por nós.... E a gente quando luta junto é muito válido. Eu acredito que a grande intenção do TransENEM é um dia de tanto formar alunos e tudo, esses próprios alunos, as próprias pessoas trans, possam compor o corpo docente, né? Então... Eu acho que o projeto tem tudo e só falta a maneira de como chegar e como trazer... Puxar essas pessoas da margem. Então eu tenho muita fé no projeto de que vai dar certo. Já deu certo, tá dando certo. A gente tem o exemplo da menina que tá fazendo museologia que já é um “Bá”, né? Querendo ou não, então... Eu tô muito feliz, muito grata. Sou muito grata ao TransENEM. Vocês merecem tudo, e eu sei que a gente merece também, porque vocês importam e nós importamos também. [risos]”

ENT4: “Eu acho que o que diferencia o TransENEM de outros espaços de educação é realmente essa preocupação, essa responsabilidade... Com o gênero, com a sexualidade das pessoas. Essa maneira de tratar que eu acho muito importante, que a gente infelizmente não têm no Brasil. Então eu acho que isso só tem a agregar no espaço de educação.”

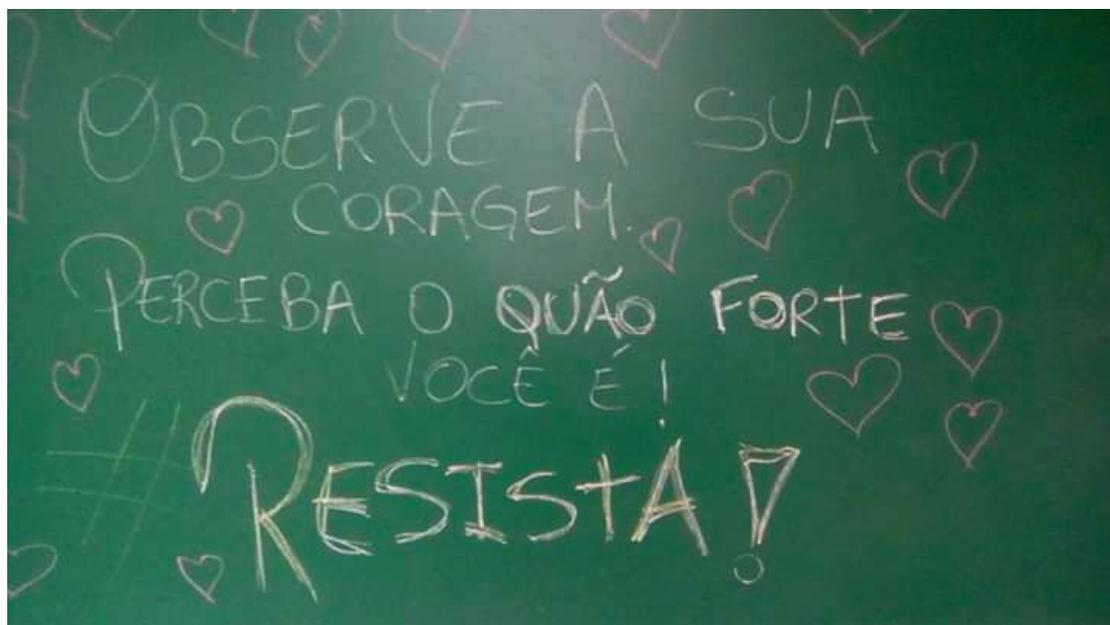
ENT5: “Comparando a outras escolas, é mais fácil pelo respeito que tem a mim, né? Como eu sou, como eu me vejo, né? Eu vejo muito essa questão do respeito e da compreensão, né? De quem eu sou.”

Todas as falas, além de dialogarem muito com as colocações descritas ao decorrer desta monografia e enriquecê-las, indicam a prática de uma sexopolítica no espaço do TransENEM, que é definida por:

Não somente um lugar de poder, mas, sobretudo, o espaço de uma criação na qual se sucedem e se justapõem os movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros. As minorias sexuais tornam-se multidões. O monstro sexual que tem por nome multidão torna-se queer. (PRECIADO, 2011, p.14)

Essa postura promove nos(as) alunos(as) - e em todos(as) demais integrantes - um sentimento de carinho, confiança e torcida depositada no coletivo, que pode ser percebido nos dizeres de cada um(a) que foi entrevistado(a). Neste um ano de existência, o projeto possibilitou conquistas no acesso à universidade, à vida pública e ao ativismo e, ao lutar conjuntamente por isso, também elevou a auto-estima dos(as) estudantes em momentos que fizeram-se tão visíveis como essa mensagem deixada pela aluna que gosta de escrever no quadro (Figura 9).

**Figura 9:** Mensagem deixada no quadro por uma aluna do TransENEM



Fonte: Autoral, feita em 10 de novembro de 2017.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recapitulando a questão norteadora desta etnografia, de investigar em que medida as experiências partilhadas no espaço do TransENEM são distintas das vivenciadas por jovens LGBT em escolas tradicionais, foram muitos os resultados apresentados a partir de observações feitas e relatos coletados. As particularidades que fazem do coletivo um espaço tão importante, inovador e diverso demonstram-se em inúmeros momentos e comparações possíveis.

No que diz respeito às micro relações, o TransENEM desempenha um trabalho de grande proximidade entre todos(as) membros(as) do projeto. Esse posicionamento vem desde a organização do curso, feita de forma horizontal em que se quebra a barreira entre professores(as) e alunos(as) e ambos participam da construção do ambiente, até a presença de um currículo que lida com questões de gênero e sexualidade de maneira intensa e traz os(as) alunos(as) para a construção também do saber. Acerca das macro relações, vale ressaltar a preocupação de articulação com a gestão do IFRS para políticas educacionais que respeitem às identidades de gênero e sexuais (à exemplo da utilização do nome social em crachás e o livre acesso aos banheiros), bem como a realização de uma formação com funcionários do Instituto e professores(as) do coletivo sobre a temática gênero e sexualidade. Todas as posturas salientadas, do micro ao macro, denotam o acolhimento, a inclusão, o empoderamento e a representatividade que estão presentes no TransENEM, espaço de luta por uma educação transformadora.

Quando finalmente comparado às instituições de ensino formais, vários são os ensinamentos que podem ser transportados ao cotidiano escolar. Como ambiente heteronormativo, o sistema educacional buscou por séculos disciplinar corpos e enquadrá-los em minúsculas e binárias caixas de definições, anulando assim a existência de milhares de vidas. Faz-se extremamente necessário problematizar essa configuração, de modo que as experiências do TransENEM podem servir como modelo. As escolas e os(as) docentes destas precisam perguntar-se sobre suas práticas educativas e reformulá-las em contínuas formações que levem em conta às diversidades sexuais e identitárias no plano pedagógico e no currículo, indo além de uma educação sexual biologizante para efetivas políticas de inclusão.

## REFERÊNCIAS

BOHM, A. M.. **Os “monstros” e a escola: identidade e escolaridade de sujeitos travestis**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2009.

BOURDIEU, P.. **Os três estados do capital cultural**. In: NOGUEIRA, M.A.; CATANI, A. (Org) Escritos de Educação, 11ª edição. Petrópolis: Vozes, 2010.

BUTLER, J.. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FRÓES, P.. **Transenem de Porto Alegre como alternativa para a formação de mulheres travestis e pessoas transexuais**. Artigo (Especialização em Educação de Jovens e Adultos) - Programa de pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande. 2016.

LOURO, G. L.. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. v 01. 174p.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. v. 01. 180p .

\_\_\_\_\_. **Sexualidades contemporâneas: políticas de identidade e de pós-identidade**. In: Anna Paula Uziel; Luís Felipe Rios; Richard Parker. (Org.). Construções da sexualidade. Gênero, identidade e comportamento em tempos de aids. 1aed.Rio de Janeiro: Pallas, 2004, v. 1, p. 203-212.

\_\_\_\_\_. **Educação e gênero: a escola e a produção do feminino e do masculino**. In: Luiz Heron da Silva; José Clóvis de Azevedo. (Org.). Reestruturação Curricular. Teoria e prática no cotidiano da escola. Petrópolis: Vozes, 1995, v. , p. 172-181.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

HARAWAY, D.. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 5, p. 7-41, jan. 2009. ISSN 1809-4449. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>>. Acesso em: 13 set. 2017.

POCAHY, F. A.. **Políticas de enfrentamento ao heterossexismo: corpo e prazer**. Porto Alegre: nuances e NUPSEX - Núcleo de Pesquisas em Sexualidade e Relações de Gênero, 2010. v. 1. 176p .

PRECIADO, P. B.. **Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”**. Estudos Feministas, Florianópolis, v.19, p. 11-20, 2011.

MARTINS, R. (Coord.), Cursinho Popular Transformação - Transarau. **Antologia Trans: 30 poetas trans, travestis e não-binários**. São Paulo: Invisíveis Produções, 2017.

ROBALO, L.. **Vozes Trans: um estudo etnográfico sobre a construção da identidade de gênero das pessoas trans**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de pós-graduação, Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre. 2014.

REIDEL, M.. **Pedagogia do Salto Alto: histórias de professoras transexuais e travestis na educação brasileira**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013.

SCOTT, J. W.. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SEFFNER, F.; SILVA, R.A.. **Um bocado de sexo, pouco giz, quase nada de apagador e muitas provas: cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade**. Estudos Feministas, Florianópolis, v.19, p. 561-572, 2011.

SILVA, R. A.. **Formação de policiais por professores “não convencionais”**. In: Dóris Maria Luzzardi Fiss; Laura Souza Fonseca; Leônidas Roberto Taschetto; Martha Marlene Wankler Hoppe. (Org.). Identidades docentes I: educação de jovens e adultos, linguagem e transversalidades. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010, v. 1, p. 250.

\_\_\_\_\_. **Quando os impensáveis entraram em cena: um estudo sobre política, educação, direitos humanos e homossexuais**. Porto Alegre: Corag, 2010. v. 1. 253p.

SILVA, T.T.. (Org.) **Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos das confusões de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVIA, A. F.. **Currículo e diferença: cartografia de um corpo travesti**. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade Federal de Pelotas, Pelotas. 2014.

HALL, S.. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

## APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO PARA ENTREVISTA



### INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

#### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Através deste termo, gostaria de convidar você para participar da pesquisa intitulada **“TransENEM POA: etnografia sobre um curso pré-vestibular de educação popular voltado à pessoas transexuais, mulheres travestis e LGB inclusivo”**. Realizada pela pesquisadora Gabrielle Gazapina Guimarães como parte de seu processo de graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e sob orientação da professora Rosimeri de Aquino, a pesquisa procura responder em que medida as experiências vividas no TransENEM diferem-se das vividas em escolas tradicionais, as quais por muitas vezes são hostis.

Se estiver de acordo, você fará uma entrevista individual. A sua identificação nesta entrevista será mantida em sigilo e a sua participação é voluntária, podendo ser interrompida em qualquer etapa do processo sem nenhum prejuízo.

Você receberá uma cópia deste termo em que consta o telefone e o endereço institucional da pesquisadora, podendo tirar dúvidas sobre o estudo, agora ou em qualquer momento.<sup>33</sup>

---

Assinatura da Pesquisadora

---

<sup>33</sup> Endereço: Avenida Paulo Gama, Faculdade de Educação - Prédio 12201 – Porto Alegre/RS  
Telefone: 51 32223884 / 51 99850209/ 51 33083427 (Comissão de Pesquisa da Faculdade de Educação – UFRGS)  
Contatos da pesquisadora – Email: gabriellegazapina@gmail.com/Telefone: 51 984106825

Eu, .....,  
declaro que recebi todas as explicações sobre esta pesquisa e concordo em  
participar da mesma.

---

Assinatura do(a) Participante

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Data

## APÊNDICE 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ALUNOS(AS)

### Breve Apresentação:

#### Guia de perguntas para alunos(as)

- Como você conheceu o TransENEM?
- Como se envolveu com o curso, ou seja, como começou a frequentar?
- Como você enxerga o TransENEM?
- Como foi sua experiência escolar anterior?
- Você está voltando a estudar depois de um tempo? Se sim, como está sendo esse processo de voltar?
- Como é estudar aqui?
- O que você vê de diferente no TransENEM, comparado a outros ambientes de ensino?

### **APÊNDICE 3 - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSORES(AS)**

#### **Breve Apresentação:**

#### **Guia de perguntas para professores(as)**

- Como você conheceu o TransENEM?
- Como se envolveu com o curso, ou seja, como começou a lecionar?
- Como você enxerga o TransENEM?
- Qual a sua relação com o conhecimento?
- Trabalha em outros locais como professor(a)?
- Como é dar aula aqui?
- O que você vê de diferente no TransENEM, comparado a outros ambientes de ensino?

## APÊNDICE 4 - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ORGANIZAÇÃO

### Breve Apresentação:

#### Guia de perguntas para professores(as)

- Como surgiu o TransENEM?
- Quais foram as principais ideias e preocupações para realização do curso?
- Como você enxerga o TransENEM?
- Qual a sua relação com o conhecimento?
- Como é participar desse espaço?